

9/4/61

Tentativa de criação de um estilo nacional na tapeçaria

Jacques Douchez e Norberto Nicola, dois artistas paulistas, conheceram-se há cerca de dez anos no atelier de Flexor, então chefe do Atelier Abstração, do qual faziam parte. Com este grupo, eles expuseram regularmente no Brasil e no Exterior; quando o grupo perdeu sua homogeneidade, prosseguiram ambos trabalhando e expondo: Nicola, lírico e espontâneo, atraído pelas seduzões da matéria, e Douchez, de temperamento mais clássico, conservando sempre o controle das estruturas e da superfície. Douchez, expondo nos Bienais, I.º Premio "Governador do Estado", e Nicola, medalha de ouro do Salão Paulista de Arte Moderna, tendo posteriormente integrado o júri, voltam a reunir-se, num esforço artesanal comum, se bem que guardando cada um sua personalidade artística. Embora com concepções às vezes diferentes sobre a evolução atual da pintura — Nicola, de um abstracionismo informal, e Douchez, que aceita mais facilmente as graduações do tachismo e action-painting — considerando talvez que a pintura se debate num beco sem saída, ainda que não o reconheçam, resolveram dirigir-se para a aplicação do artesanato de arte, caminho pelo qual everedam cada vez mais os artistas atuais.

INICIO

Há cerca de quatro anos vieram no Rio de Janeiro uma exposição de tapeçaria de um grupo francês, cujo merito muito discutiram, decidindo ao cabo tentar a mesma aventura. Tinha primeiramente que aprender o "métier". Devido à absoluta falta de tradição artesanal no Brasil, a primeira dificuldade foi encontrar que lhes ensinasse a técnica. Acabaram por encontrar uma arteza especializada, que atualmente se dedica à restauração de tapeçarias antigas. Por intermédio dela foram iniciados nos aspectos técnicos da tapeçaria. Novas dificuldades surgiram quando se tratou de encontrar lã adequada, assim como teares, acabando eles por projetar e fazer construir seu próprio tear. Depois disso, trabalhando a princípio eles próprios na confecção, tiveram que formar suas artezas.

NAO-FIGURATIVOS

Seus desenhos são em geral não-figurativos, não recusando entretanto sugestões do mundo exterior. E' o caso, por exemplo, das formas de barcos, para Douchez, e plantas, no caso de Nicola.

A intenção desses artistas é difundir o gosto pela tapeçaria e criar uma tradição brasileira de tapeçaria tecida.

Na segunda quinzena de maio, a Galeria Sistina apresentará a primeira exposição dos dois artistas.

"Depois dessa primeira exposição", afirma Douchez, "pretendemos expor no Rio e outras capitais brasileiras, após o que levaremos nossa exposição ao Exterior, a fim de mostrar outra realidade da arte brasileira, cuja fama já se firmou nos outros campos das artes plásticas".

HISTORICO

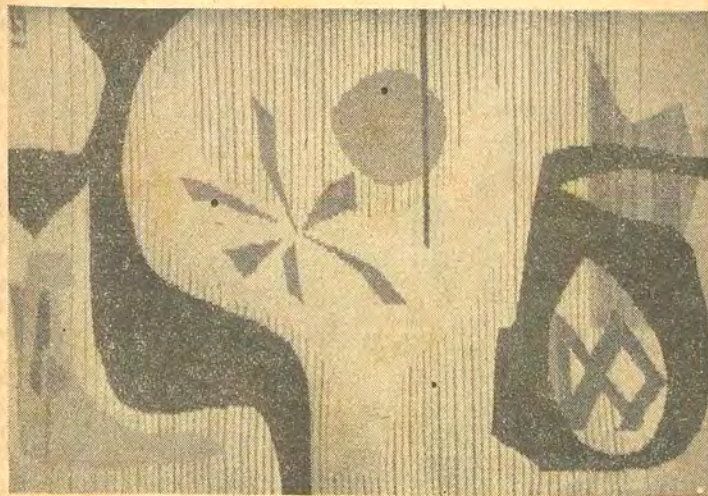
A arte da tapeçaria nasceu no Oriente, em países arabes, desenvolvendo-se e atingindo seu esplendor na Idade Média, quando era parte integrante do mobiliário. Os tapetes serviam muitas vezes, na Idade Média, como muros, dividindo ambientes diferentes de castelos imensos. Essencialmente funcional, o motivo representado não tinha senão uma importância secundária. Em seguida, assistimos uma evolução semelhante à da pintura, quando a tapeçaria colocou-se a serviço da ilustração, como por exemplo, no "Apocalipse d'Angers", com finalidade religiosa, ou a tapeçaria de Bayeux, com objetivos descritivos de feitos militares.

Apesar de estar ainda a serviço de um elemento figurativo, a renascença e os inícios dos tempos modernos guardam consciência das imposições da matéria.

Unicamente nos fins do sec. XVII, sec. XVIII e, principalmente, sec. XIX, quando a tapeçaria não é senão a execução em lã de um quadro a óleo, com a multiplicação de tonalidades que o óleo permite; é por esta razão que as reservas de lã de Beauvais e Gobelin: finham a sua disposição, milhares de cores diferentes.

O renascimento da tapeçaria em nossa época, foi uma retomada de consciência da autonomia da mesma. Este renovamento é devido, principalmente, em França, a Lurçat, que, aproveitando os recursos e a experiência de centros como Aubusson, quis retornar às suas tradições da Idade Média: simplificação do desenho e das cores.

E' evidente que se reconsiderem todos os valores em arte e, era normal que a tapeçaria aproveitasse das novas aquisições plásticas, tais como o acesso ao universo não-figurativo e a uma maior liberdade de eficácia, tanto mais que a arquitetura moderna, pela introdução das grandes superfícies livres, permitisse que a lã reencontrasse sua dignidade nos interiores, ao lado do mármore, da madeira etc.



"Flor Nascente"

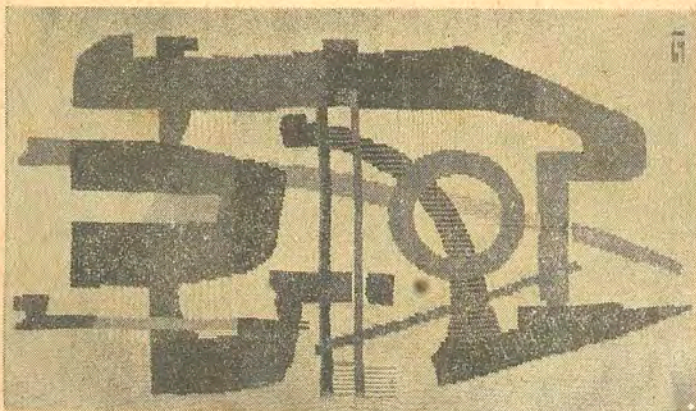
Nicola, com seu abstracionismo informal, lírico e espontâneo, deixando-se seduzir pela matéria, apesar de seu não-figurati-

vismo, não deixa por vezes de aceitar sugestões da natureza.



Escolha do material

Douchez e Nicola, em seu atelier, escolhem a lã adequada para a confecção de suas tapeçarias artísticas, trabalho em que podem considerar-se pioneiros no Brasil.



Aceitando mais dificilmente as graduações do tachismo e do "action-painting", recusando também o figurativismo clássico, não deixa Douchez de aceitar imposições exteriores.